

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

JÚLIA PASCHOALINO ROBERT

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

A inauguração de Brasília na mídia impressa: visões e interpretações

Bauru

2021

JÚLIA PASCHOALINO ROBERT

A inauguração de Brasília na mídia impressa: visões e interpretações

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca selecionada da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Bauru

2021

R641i	Robert, Júlia Paschoalino A inauguração de Brasília na mídia impressa: visões e interpretações / Júlia Paschoalino Robert. -- Bauru, 2021 53 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru Orientador: Maximiliano Martin Vicente 1. Jornalismo. 2. Imprensa. 3. Anos 1950. I. Título.
-------	--

JÚLIA PASCHOALINO ROBERT

A inauguração de Brasília na mídia impressa: visões e interpretações

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca selecionada da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Membro: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Membro: Doutoranda Nayara Kobori

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Resultado:

Bauru,

RESUMO:

O presente trabalho intitulado “A inauguração de Brasília na mídia impressa: visões e interpretações” tem como proposta analisar como os jornais Diário de Pernambuco, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil e Jornal do Commercio noticiaram a inauguração de Brasília em suas edições de 21 de abril de 1960. Nosso objetivo é compreender quais as abordagens dos periódicos em torno do acontecimento estudado e de que forma as especificidades do jornalismo da época, a conjuntura política e as particularidades históricas podem ter interferido nessa cobertura. Para tal, é feito um breve retrospecto histórico sobre a ideia de transferência da capital brasileira e também uma contextualização da situação da imprensa brasileira no período em questão. Além disso, são verificadas quais pautas sobre a inauguração de Brasília aparecem com mais frequência nas publicações e quais os valores-notícias nelas envolvidos, seguindo os valores-notícia listados por Traquina (2005).

Índice de imagens:

Figura 1: Hipólito José da Costa, jornalista brasileiro que sugeriu a interiorização da capital pela primeira vez em 1813. Foto: Wikipedia	11
Figura 2: Localização da futura capital num ponto comum entre três importantes rios brasileiros. Foto: Agência Senado.....	13
Figura 3: Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro, Lúcio Costa e Juscelino Kubitschek. Foto: Arquivo Público - DF	14
Figura 4: Candangos viajam até o Planalto Central para participar da construção da nova capital. Foto: Arquivo Público - DF	15
Figura 5: Operários aguardam para se cadastrar na construção de Brasília. Foto: Arquivo Público - DF	16
Figura 6: Candangos trabalhando na construção do Congresso Nacional. Foto: Acervo Instituto Moreira Salles.....	16
Figura 7: Plano Piloto de Brasília projetado por Lúcio Costa. Foto: Arquivo Público – DF	18
Figura 8: Escultura “Os Candangos”, na Praça dos Três Poderes. Foto: Agência Brasília	19
Figura 9: Edição de Julho de 1818 do jornal Correio Brasiliense. Foto: Biblioteca Nacional Digital	21
Figura 10: Edição de 16 de novembro de 1904 do jornal O Estado de São Paulo. Foto: Acervo Estadão.....	22
Figura 11: Edição de 29 de julho de 1914 do jornal Correio da Manhã (RJ). Foto: Biblioteca Nacional Digital	23
Figura 12: Manifestação popular articulada pelo DIP, em comemoração aos 10 anos do governo de Getúlio Vargas. Foto: Memorial da Democracia.....	24
Figura 13: Reunião do DIP. Ao fundo placa de exaltação ao país, como forma de divulgação da ideologia estadonovista. Foto: Memorial da Democracia.....	25
Figura 14: Diário Carioca utiliza os padrões de lead e diagramação da imprensa norte- americana. Foto: Memória FAMECOS	27
Figura 15: Multidão de brasileiros assiste à inauguração de Brasília. Foto: Folhapress.....	31
Figura 16: Juscelino e Sarah Kubitschek na festa de gala da inauguração de Brasília. Foto: Memorial JK	32

Figura 17: Capa da edição de 21 de abril de 1960 da Folha de S. Paulo. Foto: Acervo Digital Folha de S. Paulo.....	35
Figura 18: Capa da edição de 21 de abril de 1960 do Jornal do Commercio (RJ). Foto: History Brasil/ Uol.....	35
Figura 19: Capa da edição de 21 de abril de 1960 do Jornal do Brasil (RJ). Foto: History Brasil/ Uol.....	36
Figura 20: Capa do caderno Ilustrada da Folha de S. Paulo, 21 de abril de 1960. Foto: Acervo Digital Folha de S. Paulo.....	42
Figura 21: Página 12 do caderno Ilustrada da Folha de S. Paulo, 21 de abril de 1960. Foto: Acervo Digital Folha de S. Paulo.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – HISTÓRIA DE BRASÍLIA.....	11
CAPÍTULO II – MODERNIZAÇÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA.....	21
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS JORNAIS DE 21 DE ABRIL DE 1960	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	51

INTRODUÇÃO

O projeto de transferir a capital brasileira para uma nova cidade planejada, edificada no interior do país, se arrasta por diferentes períodos da história nacional durante um século e meio até chegar à proposta do governo Juscelino Kubitschek que, enfim, realiza a construção da cidade. Como símbolo de um Brasil moderno, Brasília é inaugurada na data de 21 de abril de 1960, sintetizando a ideologia nacional desenvolvimentista característica de JK.

A modernização e o desenvolvimento do país, ideais presentes em todos os aspectos do governo Kubitschek, eram os principais anseios da sociedade brasileira na década de 1950. JK e a equipe escolhida para a construção da nova capital utilizam elementos políticos, artísticos e urbanísticos que fazem parte de uma proposta de modernidade, simbolizada na concretização de Brasília.

O objetivo fundamental deste trabalho é analisar, do ponto de vista do jornalismo, a forma como a mídia impressa nacional noticiou a inauguração de Brasília e, assim, de que maneira o nascimento da nova capital chegou até os brasileiros da época. Para tal, as publicações de jornais impressos brasileiros do dia 21 de abril de 1960 são tomadas como documentos que recontam e recuperam o momento da inauguração da cidade. “Devemos considerar também que o texto se projeta além dele mesmo, através da simulação da experiência vivida” (BARBOSA, 2007, p. 23).

São escolhidas para análise as edições de 21 de abril de 1960 dos jornais: Folha de S. Paulo, Diário de Pernambuco, Jornal do Brasil (RJ) e Jornal do Commercio (RJ). As publicações selecionadas para estudo contêm, à primeira vista, um denso e expressivo conteúdo sobre a instauração da nova capital, enriquecendo o conhecimento sobre a temática, além de circularem em diferentes localidades do país (São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco), o que permite visualizar diferentes perspectivas do acontecimento.

Com o objetivo de realizar uma análise aprofundada sobre a repercussão do evento em questão, no primeiro capítulo buscamos construir um breve retrospecto histórico sobre a ideia de transferência da capital brasileira, para assim compreender quais são as circunstâncias históricas e políticas presentes na efetivação do novo Distrito Federal.

Buscando um aprofundamento do ponto de vista jornalístico, no segundo capítulo, é realizada uma contextualização da situação da imprensa brasileira na década de 1950, momento sociopolítico propício para que o jornalismo nacional consolide sua transformação para um formato moderno.

A análise dos jornais selecionados, objetivo central da pesquisa, é trazida no terceiro capítulo. Para tal, são verificadas quais as pautas sobre a inauguração de Brasília que aparecem com mais frequência nas publicações e quais os valores-notícias nelas envolvidos, seguindo os valores-notícia listados por Traquina (2005). Além disso, são avaliadas quais as abordagens dos periódicos em torno do acontecimento estudado e de que maneira as especificidades do jornalismo da época, a conjuntura política e as particularidades históricas podem ter interferido nessa cobertura.

Para auxiliar na visualização da cobertura do acontecimento em questão, assim como do perfil do jornalismo impresso brasileiro da década de 1950, no segundo e no terceiro capítulos, são incluídas no texto imagens das páginas dos jornais citados (aquelas que se encontram disponíveis para reprodução). Fotografias que se relacionam com os momentos históricos mencionados também são colocadas para ilustrar e complementar o conteúdo descrito no texto.

Pela relevância que têm as fotografias incluídas no texto, teceremos a seguir como são tratadas e usadas as imagens em nosso trabalho. Entendemos a fotografia a partir do poder que ela tem de mostrar fielmente a realidade. A apropriação dos veículos de comunicação das imagens representa a característica da fotografia de saciar a sede dos leitores por informações as mais verídicas possíveis. Fruto desse desejo de ampliar o que estava escrito, emerge o fotojornalismo, que se configura como um bom instrumento para transmitir informações “fidedignas e indubitáveis” aos leitores dos fatos apresentados.

Na monografia, saímos da visão de que a fotografia é um espelho do real e entendemos que ela é uma construção da realidade que parte dos mais diversos filtros, dentre eles, os interesses dos veículos de comunicação. Esta construção é permeada de mecanismos subjetivos, ideológicos e semióticos que acabam por realizar um processo de mediação nos fatos noticiosos. Isto é, acabam por dar significação aos fatos sociais e orientar o olhar dos leitores. O fotojornalismo deixa de ser um apêndice para os textos – a imagem é a legitimação do que está escrito e

do fato ocorrido. Portanto, tão importante quanto o texto, a fotografia é um instrumento de veiculação de ideias, que auxilia na construção da realidade que será passada para a audiência.

De acordo com Boris Kossoy em “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica” (2002), é um equívoco analisar as imagens apenas pelo lado iconográfico, pois as representações fotográficas podem ter vários sentidos, várias formas de interpretação e, portanto, várias realidades com as quais nós concordamos. Seria, então, coerente afirmar que a realidade representada por uma imagem é única e verdadeira? “Sempre devemos considerar a fotografia como fonte histórica de abrangência multidisciplinar” (KOSSOY, 1999, p. 21). Este lado multidisciplinar da fotografia é responsável por dar significações a fatos sociais importantes de maneira sutil. Com as fotografias ao longo do texto, pretendemos explorar essa interpretação.

Assim sendo, somando estudos de caráter histórico com conceitos do ponto de vista jornalístico e fotojornalístico, espera-se, com este trabalho, compreender em quais critérios se baseou a forma como a inauguração de Brasília foi noticiada nos jornais selecionados e, assim, de que maneira tal acontecimento chegou até alguns dos brasileiros da época.

I. HISTÓRIA DE BRASÍLIA

A cidade de Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960 como nova capital do Brasil, sucedendo ao Rio de Janeiro. A proposta de alterar a capital brasileira para uma nova cidade se arrastou por diferentes períodos da história do país durante um século e meio até chegar ao projeto realizado pelo Presidente Juscelino Kubitschek, que edificou a cidade.

Em cada um dos momentos em que apareceu, a ideia de transferência da capital federal refletiu as circunstâncias históricas e as ambições sociopolíticas do Brasil de seu tempo.

Os diversos períodos ao longo dos quais um projeto de transferência da capital é formulado apresentam [...] uma característica comum: são momentos de rupturas do elo social e cultural que une os brasileiros, em que a unidade e a identidade nacionais são questionadas (VIDAL, 2009, p.18).

Uma proposta inicial de alteração da capital é reivindicada a partir da chegada e instalação do rei de Portugal D. João VI no Brasil, no ano de 1808. O jornalista brasileiro Hipólito José da Costa, que fundou em Londres o jornal *Correio Braziliense*, publica dois artigos, em 1813 e 1818, sugerindo a interiorização da capital, justificada por ele e por outras personalidades da época pela necessidade de desenvolver e ocupar o território do país por inteiro.

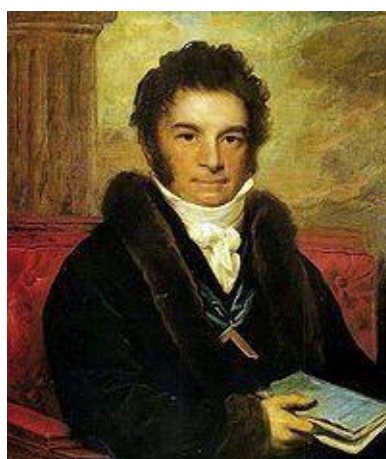


Figura 1: Hipólito José da Costa, jornalista brasileiro que sugeriu a interiorização da capital pela primeira vez em 1813.
Foto: Wikipedia

Na figura 1, o retrato de época de Hipólito José da Costa exprime o que ele imaginava sobre a nova capital: uma ideia que motivasse a civilização no país ainda considerado colônia e ainda dependente da metrópole portuguesa. O livro na mão, as colunas clássicas ao fundo, as ricas vestimentas e o semblante de tranquilidade, toda a composição da imagem sugere que o jornalista era alguém de sucesso e que esse retrato tenha sido feito fora do país. Dessa forma, como veremos no transcorrer do capítulo, a ideia de construção de uma nova capital para o Brasil sempre esteve associada à ideia de formar uma civilização.

Posteriormente, nos anos que cercaram a independência, entre 1821 e 1824, um segundo projeto é debatido. Durante esse período, o idealista da proposta é José Bonifácio, que defende a demanda da nova capital com base em motivações geopolíticas, como reorientar o povoamento do território brasileiro e garantir a segurança do Estado e a unidade nacional.

Um terceiro momento no qual se discute a alteração da capital acontece durante o Brasil Império, quando Dom Pedro II assume o trono e espera-se um projeto de modernização do país. O historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, analisa a possibilidade de interiorização da capital e aponta as características portuárias e comerciais do Rio de Janeiro como empecilhos para que a cidade siga exercendo tal função.

Em 1891, a transferência da capital para o Planalto Central fica instituída no artigo 3º da primeira Constituição da República Brasileira. Para demarcação e estudo da área do novo Distrito Federal, é criada a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, liderada pelo astrônomo Luis Cruls. Com base em argumentos geopolíticos, históricos e estéticos, a comissão delimita o Quadrilátero Cruls, um espaço de 14 mil km² para instalação da cidade.

Apesar dos esforços da Comissão Cruls, a eleição de Prudente de Moraes, primeiro presidente civil da República, em 1894, interrompe o projeto de mudança da capital. “Prudente de Moraes anuncia a vitória da grande propriedade latifundiária e dos interesses regionais sobre o interesse do Estado, pondo assim um fim à tentativa centralizadora dos presidentes militares” (VIDAL, 2009, p.119). O debate é retomado somente em 1922, no Centenário da Independência do Brasil, através de um projeto de lei proposto por deputados mudancistas, que consiste na

fixação de uma pedra fundamental dentro do quadrilátero destinado às futuras instalações do Distrito Federal.

Em 1946, a partir das disposições da nova constituição, o então presidente Eurico Gaspar Dutra nomeia uma nova comissão para avaliar a localização da futura capital. Os estudos da comissão Polli Coelho apontam o mesmo território que já havia sido delimitado nos registros de Luis Curls, ressaltando as motivações geopolíticas da escolha.

Transferir a capital brasileira do Rio de Janeiro para uma cidade planejada no interior do país é um projeto que caminha junto da política nacional durante 150 anos. Por suas características geográficas, a região do Planalto Central de Goiás aparece, nos diversos estudos que propõem o novo Distrito Federal brasileiro, como a localização ideal para sua construção, assim como mostra a figura a seguir.



Figura 2: Localização da futura capital num ponto comum entre três importantes rios brasileiros. Foto: Agência Senado

Em 1955, Juscelino Kubitschek é eleito presidente do Brasil com um slogan que promete o progresso do país: “Cinquenta anos em 5”. O presidente propõe uma política de nacionalismo desenvolvimentista, que busca alcançar o desenvolvimento econômico brasileiro principalmente através da instalação de indústrias de base, pelo modelo de substituição de importações. “Em sua preocupação em dar uma forma concreta à modernidade brasileira, Kubitschek escolhe como símbolo de sua política de nacionalismo desenvolvimentista a construção da nova capital no interior do país: Brasília” (VIDAL, 2009, p.190).

A proposta de Juscelino Kubitschek dá, enfim, início ao projeto de transferência da capital brasileira, que corria junto da história do país a mais de um século e meio. Logo no primeiro ano de seu governo, em 1956, o presidente cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), órgão que assume as funções da edificação de Brasília, sob o comando de Israel Pinheiro. Para desenhar os prédios públicos, JK convida o arquiteto Oscar Niemeyer, e para desenvolver o projeto urbanístico da cidade é lançado o “Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil”, vencido por Lúcio Costa.

A decisão de JK de construir Brasília e a promessa de que a cidade - a ser edificada no interior do país, longe dos grandes centros - esteja pronta até o final de seu governo provoca desconfiança nos partidos de oposição. “A oposição duvidava que uma capital fosse brotar tão rápido da terra vermelha do cerrado ou de que os funcionários públicos federais, tão bem instalados no Rio de Janeiro, fossem topar se mudar para o meio do nada” (VIZEU, 2019, p.145).



Figura 3: Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro, Lúcio Costa e Juscelino Kubitschek. Foto: Arquivo Público - DF

Nessa trajetória da construção de Brasília, a fotografia anterior é rica em informações. Em uma primeira leitura, é possível observar, em função dos nomes nela presentes, que se trata de mais uma das muitas reuniões feitas para definir os projetos da nova capital. Entretanto, uma interpretação mais aprofundada pode indicar que o presidente, sentado e pensativo, procura entender os planos que observa, enquanto os outros personagens, diretamente envolvidos na elaboração do projeto, se mostram mais tranquilos e confiantes. Dessa maneira, a fotografia, de forma icônica, reflete as dúvidas e críticas que, debatidas nacionalmente, cercaram a proposta de JK de levar a capital para o interior do Brasil.

Ainda no ano de 1956, migrantes provenientes de várias regiões do país começam a chegar ao Planalto Central para trabalhar na construção da cidade. Esses operários, que ficaram conhecidos como candangos, viajam até Brasília em caravanas, atraídos pela possibilidade de uma vida melhor em um novo e moderno Brasil, prometido pelo presidente. Porém, ao chegarem à região onde se erguia a nova capital, são alocados em acampamentos improvisados e encontram difíceis condições de vida e trabalho, muito diferentes daquelas que imaginavam.

Importante lembrarmos que o candango que constrói a cidade moderna, junto com sua inventividade em lidar com a contingência, é o mesmo que constrói as favelas onde mora nas margens da mesma cidade moderna. Nele, o “atraso” coexiste como o “moderno” formando algo outro (LOPES; JACQUES, 2018, p.485).



Figura 4: Candangos viajam até o Planalto Central para participar da construção da nova capital. Foto: Arquivo Público - DF



Figura 5: Operários aguardam para se cadastrar na construção de Brasília. Foto: Arquivo Público - DF



Figura 6: Candangos trabalhando na construção do Congresso Nacional. Foto: Acervo Instituto Moreira Salles

O conjunto das três fotos anteriores pode ser visto como representação das contradições presentes na construção de Brasília. A miséria e a pobreza são expressas nas figuras dos candangos, o que chama atenção para a situação complexa que vivia o país. Um dos argumentos para construir a nova capital era levar o denominado desenvolvimento para o interior do Brasil, que estaria defasado

se comparado a centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Um modo de realizar esse desenvolvimento era através da geração de empregos.

O ambiente que rodeia a figura 4 constitui o imaginário dos retirantes: pau-de-arara, estrada de terra, ambiente desolado e de abandono. As fotos 4 e 5 também ilustram a movimentação em busca de emprego, tal como se apregoava na medida em que as obras ganhavam fôlego. O número expressivo de pessoas, que pode ser visto nas fotografias, reflete o quanto a construção da cidade interferiu no cotidiano da população.

Já a figura 6, por sua vez, é icônica por apresentar um processo de reversão em relação às duas anteriores. Nela, a complexidade e grandeza da obra ficam evidentes e os operários trabalhando demonstram como, de fato, a edificação da nova capital gerava empregos.

A urgência de construir a cidade em um curto período de tempo impõe aos candangos um regime de trabalho interrompido em meio a uma conjuntura precária, junção que ocasiona acidentes e mortes frequentes nos canteiros de obras da nova capital. Apesar das adversidades, os operários permanecem trabalhando, motivados pela esperança de conquistar uma vida melhor e pela satisfação de participar ativamente da construção de Brasília.

As falas dos candangos que ajudaram a edificar a cidade parecem crivadas pelas dificuldades que tiveram que vencer, mas isso não obscurece o sentimento de dever cumprido e de que eles tiveram um papel muito importante nesse momento da história do Brasil; afinal, tinham ajudado JK a edificar a capital do Brasil. Brasília era, para cada um deles, um filho, a realização de uma vida (CEBALLOS, 2005, p. 116).

Desde o início, as circunstâncias às quais os candangos são submetidos, contrastam com a arquitetura monumental dos edifícios de Oscar Niemeyer, símbolo da cidade moderna que o presidente se comprometeu a erguer. Durante o mandato de JK, contradições como essa não aparecem somente na construção de Brasília, ocorrendo também em outros campos de ação do governo.

Sua administração rasgou o país com novas rodovias, como a Belém-Brasília, e investiu na estruturação de uma indústria automobilística nacional. A mesma atenção não foi dedicada à malha ferroviária, que foi sucateada ao longo dos anos, levando o país a uma dependência do transporte rodoviário (VIZEU, 2019, p.147).

Como meta que sintetizava o plano econômico-administrativo do governo JK, a construção de Brasília apresentou outras consequências controversas. Ao

mesmo tempo em que gerou altos custos e colaborou com o endividamento do país, a transferência da capital efetivou o antigo objetivo político de ocupar o interior do território e de formar um símbolo nacional para os brasileiros.

A associação automática normalmente feita entre Brasília e o presidente Juscelino Kubitschek demonstra a dimensão do projeto de transferência da capital federal dentro das táticas políticas que caracterizam seu governo. Ao prometer entregar aos brasileiros uma cidade símbolo de progresso e modernidade, o presidente acreditava que “a mudança da capital para o interior daria ensejo ao processo de desenvolvimento do país – meta tão cara a JK quando em sua campanha e em seu plano de metas propõe o lema ‘50 anos em 5’” (CEBALLOS, 2005, p.20).

A modernidade que se esperava de Brasília também era encontrada no Plano Piloto escolhido como projeto urbanístico para a cidade, criado por Lúcio Costa. A estrutura, formada por dois eixos principais, que se cruzam no centro, ficou conhecida por ter a forma de um avião. O eixo horizontal, levemente curvado, é rodoviário-residencial. Na vertical, o eixo monumental, acomoda os prédios do governo, organizados de maneira a ressaltar a principal função e razão de existência da cidade: ser a capital do Brasil.

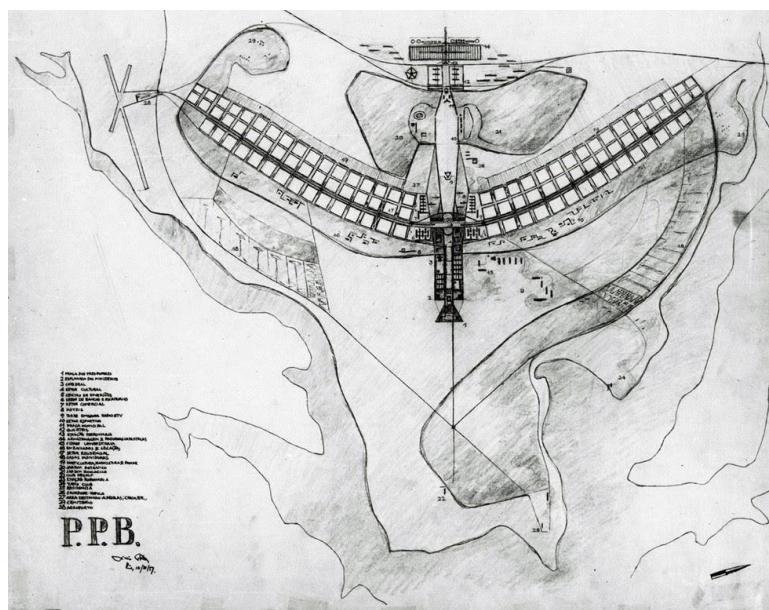


Figura 7: Plano Piloto de Brasília projetado por Lúcio Costa.
Foto: Arquivo Público – DF

Junto com o projeto do urbanista Lúcio Costa, a arquitetura de Oscar Niemeyer traz curvas modernistas para Brasília e a transforma em um cartão postal. O arquiteto - que já havia trabalhado com Kubistchek na construção do conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, quando o político era prefeito da capital mineira - parece entender a essência da cidade proposta pelo presidente. Rompendo com as referências já existentes, Niemeyer constrói formatos inovadores para os edifícios do Distrito Federal, sempre os mantendo relacionados com a identidade brasileira.

Brasília deve ser santuário da nova cultura brasileira elevada a dimensão universal. [...] Brasília deve, no espírito de Niemeyer, ser 'entregue' à atividade criadora das principais artes brasileiras: pintura escultura, arte dos jardins, sem esquecer a arquitetura (VIDAL, 2009, p.227).

Localizada na Praça dos Três Poderes, a estátua “Os Candangos”, do escultor paulista Bruno Giorgi é um dos exemplares, em Brasília, da atividade criadora brasileira, além de representar uma homenagem aos trabalhadores migrantes que construíram a cidade. A obra de oito metros de altura, escolhida pela Novacap, “integra-se na cidade ao tal ponto de ser considerada a obra síntese da capital do Brasil” (CHIAVARI apud VIDESSOT, 2008, p. 24). Originalmente batizada de “Guerreiros”, a escultura teve seu nome alterado por constituir um símbolo do pioneirismo dos operários que trabalharam na edificação da cidade.



Figura 8: Escultura “Os Candangos”, na Praça dos Três Poderes. Foto: Agência Brasília

A escultura, entretanto, apesar de grande valor estético, não revela a situação na qual esse contingente populacional ficou após o fim da obra. A formação das

denominadas cidades satélites, que se originaram no entorno de Brasília, marcadas pelo abandono e carência de infraestrutura, aparece como um elemento contraditório que revela o resultado final de levar a capital para o interior do país: a reprodução de um modelo injusto e desigual.

A transferência da capital federal, que aparece como uma ideia antiga na política do país, percorre muitos governos até ser finalmente efetivada no mandato de Juscelino Kubitschek. Os objetivos de ocupar o interior do Brasil e entregar aos brasileiros o símbolo de um país moderno se mostram presentes na Brasília inaugurada em 1960. JK e a equipe escolhida para realização do projeto utilizam elementos políticos, artísticos e urbanísticos que fazem parte de uma proposta de sociedade brasileira moderna, sintetizada na concretização de Brasília. Contudo, para que a efetivação da cidade acontecesse “tudo que ainda era considerado ‘atrasado’ precisou ser silenciado, ou mesmo afogado, para que o ‘milagre’ da modernidade brasileira pudesse acontecer” (LOPES; JACQUES, 2018, p.473).

Ao fazer da construção da capital uma estratégia política para seu governo, Kubitschek compreendia a maneira como deveria apresentar a nova cidade aos brasileiros, a colocando como personificação do progresso do país. Em seu livro, “Por que construí Brasília?”, o presidente conta: “A Rainha Elizabeth, da Inglaterra, quando esteve em Brasília, quis saber a razão do nome: “Palácio da Alvorada”. Escolhi-o, eu mesmo. O que era Brasília senão a alvorada de um novo dia para o Brasil?” (KUBITSCHEK, 2000, p.107).

A modernização e o desenvolvimento do país, ideais sintetizados na construção de Brasília e presentes em todos os aspectos do governo Kubitschek, eram os principais anseios da sociedade brasileira na década de 1950. A imprensa brasileira, que visa também se modernizar para se encaixar nos novos tempos, aproveita desse momento sociopolítico vivenciado no país para consolidar sua transformação para um formato moderno, que já vinha tentando se estabelecer durante toda a primeira metade do século XX.

II. A MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA

No Brasil, o fim do escravismo e o início da República foram importantes mudanças institucionais que marcaram o final do século XIX. É nesse cenário, segundo Werneck Sodré (1999), que junto ao avanço das relações capitalistas no Brasil, a imprensa situa sua transformação de imprensa artesanal a industrial. Nesse período, os jornais brasileiros vivem um processo de industrialização e surge uma nova estrutura de empresa jornalística, mais complexa, que abre espaço para inovações técnicas.

Até então, no Brasil, os jornais estavam inseridos numa imprensa artesanal e a forma como noticiavam era essencialmente em artigos de opinião, que priorizavam o posicionamento ideológico em detrimento da informação, tal como é vista e entendida na atualidade. Os periódicos tinham uma tiragem pequena e carregavam um caráter panfletário. A linguagem era baseada no modelo de jornalismo francês, que mantinha a escrita dos jornais próxima à literária e valorizava gêneros opinativos, de análise e comentário.

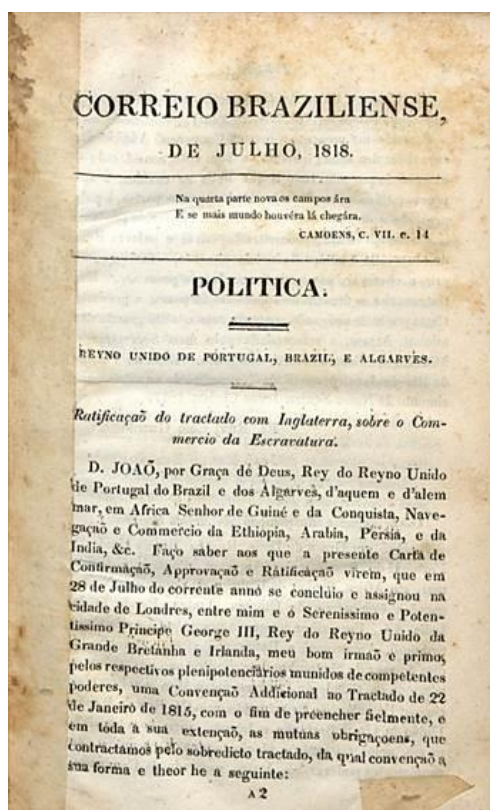


Figura 9: Edição de Julho de 1818 do jornal Correio Brasiliense. Foto: Biblioteca Nacional Digital

Como principal exemplo, aparece o *Correio Brasiliense*, ilustrado na figura acima, primeiro periódico brasileiro, publicado mensalmente entre 1808 e 1822. Fundado em Londres, pelo jornalista brasileiro Hipólito José da Costa, o *Correio Brasiliense* tinha caráter analítico e interpretativo, misturando jornalismo e literatura. "De jornal tinha a periodicidade, a divisão em seções, a regularidade. De livro tinha o sequenciamento de páginas, o formato in-oitavo, a publicação sucessiva de capítulo" (PAULA, 2001 apud SILVA, 2010, p.57).

Com a passagem da imprensa de artesanal para industrial, nas primeiras décadas do século XX, os jornais começam a se modificar e a se firmar como empresas que objetivam o lucro. A informação começa a ser mais valorizada, enquanto textos opinativos vão perdendo espaço. Os jornais abrem espaço para a reportagem e para a entrevista, dando maior destaque também ao noticiário, introduzindo matérias policiais, esportivas e ligadas ao mundo feminino e, posteriormente, inserindo a fotografia.

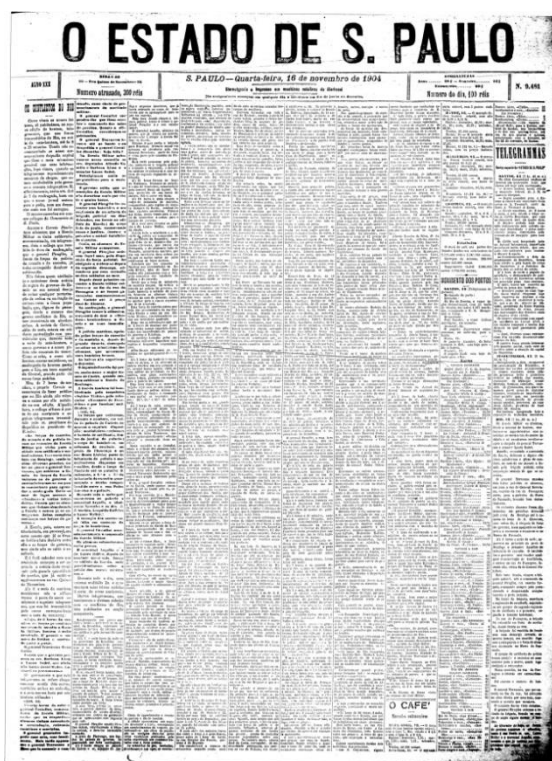


Figura 10: Edição de 16 de novembro de 1904 do jornal O Estado de São Paulo. Foto: Acervo Estadão

É importante destacar que as alterações, nesse começo de século, ocorrem de forma lenta, como ilustrado na figura anterior, uma edição de 1904 do Estado de

São Paulo, ainda muito distante do formato de jornal proposto pela modernidade. As páginas de material noticioso ainda eram poucas, as colunas permaneciam rígidas, os títulos curtos e pouco criativos. Não havia presença de manchetes e o noticiário era redigido de forma “empolada”. O jornalismo, ainda marcado pela presença de literatos, era inseparável da literatura. Muitos literatos trabalhavam nos jornais alugando suas penas para obter uma fonte de renda.

A partir dos anos 1910, segundo Barbosa (2007), com a crescente industrialização pela qual passa a imprensa, os periódicos começam a valorizar a informação em detrimento da opinião e exigem reportagens, matérias, entrevistas e notícias de sensação. A autora aponta que “Correio da Manhã”, “O Paiz”, “Jornal do Brasil”, “Jornal do Commercio” e “Gazeta de Notícias” são os periódicos que participam intensamente do movimento de criação de um novo tipo de jornalismo que muda drasticamente o padrão editorial das publicações.

Em comparação ao que foi observado na figura anterior, a figura a seguir, uma edição de 1914 do jornal Correio da Manhã, já demonstra, visualmente, alguns sinais de modernização, como a presença das fotografias e o destaque dado às manchetes.



Figura 11: Edição de 29 de julho de 1914 do jornal Correio da Manhã (RJ). Foto: Biblioteca Nacional Digital

Para Ribeiro (2007) é ilusório falar na consolidação das empresas jornalísticas nesse período devido, sobretudo, à fragilidade desta “aventura industrial”. Segundo a autora, os jornais tinham se transformado em empresas capitalistas, mas ainda serviam aos poderes tradicionais, mantendo-se como folhas essencialmente políticas. Os jornais tinham adotado uma estrutura industrial, mas continuavam atrelados aos interesses da sociedade política, que moldava o conteúdo das suas publicações.

Os posicionamentos políticos e ideológicos passam a exigir, no entanto, um pouco mais de sutileza. O antigo jornal de opinião foi sendo substituído por um jornal mais informativo, que não apresentava vinculação claramente assumida. Muitos veículos já apelavam, inclusive, às ideias de objetividade e imparcialidade, sobretudo no processo de construção de sua autoimagem. A afirmação de independência política e ideológica aparece aqui como símbolo do processo de legitimação.

Durante a década de 1930, em meio ao governo de Getúlio Vargas, o país vive um período de instabilidade política que tem como principal consequência para a imprensa a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O DIP aparece como um instrumento repressor que atua através da censura e do alinhamento político com o poder. Através dele, os meios de comunicação passam a ser utilizados como porta-vozes oficiais do governo, divulgando a ideologia estadonovista para um público agora visto como massa.



Figura 12: Manifestação popular articulada pelo DIP, em comemoração aos 10 anos do governo de Getúlio Vargas. Foto: Memorial da Democracia



Figura 13: Reunião do DIP. Ao fundo placa de exaltação ao país, como forma de divulgação da ideologia estadonovista. Foto: Memorial da Democracia

As fotografias acima representam o processo de atuação do DIP, assim como seus reflexos diretos para a sociedade. A figura 12 exhibe uma manifestação popular em exaltação a Getúlio Vargas, articulada pelo DIP como parte da ideologia estadonovista, ideologia essa também presente nos cartazes ao fundo da figura 13. Através das fotografias, é possível visualizar e compreender que somente com o fim do Estado Novo, em 1945, e com o processo de redemocratização do país é que a imprensa consegue se desvencilhar do controle do governo e, assim, encontrar espaço para efetivar sua modernização.

Caminhando, então, para a segunda metade do século XX, a imprensa brasileira, a fim de se modernizar, passa por importantes modificações. A partir da década de 1950, o campo jornalístico brasileiro consolida um afastamento dos gêneros opinativos e da linguagem literária, majoritariamente utilizados até então, e busca adquirir neutralidade e objetividade, privilegiando a informação. Essas modificações surgem como coerentes às mudanças vivenciadas pelo Brasil da época, que passa também no campo político por propostas de modernização do país.

De acordo com o espírito do tempo, em que desenvolvimentismo e modernização são palavras de ordem, também os jornais diários [...] apressam-se em se transformar e, o mais importante, em construir aquele momento como marco fundador de transformações decisivas no campo jornalístico (BARBOSA, 2006, p. 222).

O jornalismo brasileiro, a partir de então, começa a incorporar técnicas utilizadas pelo jornalismo estadunidense, visando se distanciar dos gêneros mais livres e opinativos e ser reconhecido por espelhar a realidade. Na construção dos textos noticiosos, as novas técnicas importadas substituem os escritos longos e prolixos pelo uso do lead e da pirâmide invertida. O lead busca responder, logo no primeiro parágrafo da notícia, as perguntas quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como? e por quê?, enquanto a pirâmide invertida sugere dispor os acontecimentos em ordem decrescente de importância. O uso desses métodos procura tornar as matérias mais objetivas e manter bem informados até mesmo os leitores que não têm tempo de ler os textos na íntegra.

A objetividade, neutralidade e imparcialidade – ideais associados ao modelo de jornalismo moderno – já vinham ganhando espaço nas primeiras décadas do século, mas foram os anos de 1950 que marcaram sua consolidação. Esse período é considerado o momento crucial para a afirmação desses ideais e para sua definitiva incorporação ao ideário e ao imaginário jornalístico brasileiro. Foi somente na década de 1950 que as ideias de neutralidade e imparcialidade se formalizaram, com o surgimento de manuais de redação, e passaram a reger e a guiar como regra básica, a prática profissional dos jornalistas. Nesse período a objetividade ganhou forma de técnica e o *lead* passou a ser a forma hegemônica de abertura dos textos informativos (PÁDUA, 2014, p.4).

O dinamismo da vida moderna passa a exigir instantaneidade das comunicações e os jornais têm cada vez menos tempo para alcançar um número de leitores cada vez maior. As técnicas que começam a reger as produções noticiosas norte-americanas também facilitam a produção em massa de jornais e aproximam a imprensa do conceito de Indústria Cultural. “A sua lógica era a da rapidez, da velocidade, da falta de tempo da sociedade industrial” (RIBEIRO, 2003, p. 150).

Segundo Ribeiro (2003), para acompanhar as novas técnicas redacionais, surge, também nos anos 1950, uma nova percepção quanto ao design dos periódicos, que determina os padrões gráficos e editoriais modernos que o jornalismo diário brasileiro passa a seguir.

O jornalismo brasileiro, também na perspectiva visual, seguiu até então o modelo francês: excesso de títulos, ausência de lógica na hierarquia do material etc. As inovações gráficas dos jornais cariocas (principalmente as do Jornal do Brasil e as da Última Hora) impuseram um estilo mais ordenado (RIBEIRO, 2003, p. 151).

As inovações gráficas propostas naquele período podem ser ilustradas pela figura a seguir, na qual se observa que a edição do jornal Diário Carioca já segue os

padrões de diagramação utilizados pela imprensa norte-americana, que estabelecem um estilo mais ordenado, característico de um jornalismo moderno.



Figura 14: Diário Carioca utiliza os padrões de lead e diagramação da imprensa norte-americana. Foto: Memória Famecos

Nesse contexto, surgem os manuais de redação, que buscam formalizar as novas técnicas utilizadas pelos jornalistas. Através deles, as novas regras são sistematizadas, e somente assim passa a ser viável a produção de jornais em massa. Apesar de existirem regras comuns usadas por toda a imprensa, cada um dos veículos determina suas recomendações próprias, o que proporciona a construção de identidades específicas para cada um dos jornais.

O novo estilo de jornalismo importado da imprensa norte-americana significa também maior profissionalização para o campo jornalístico brasileiro. Com as propostas de neutralidade e objetividade, os jornais se distanciam do formato literário e dos comentários pessoais e procuram se constituir como um lugar reconhecido e legítimo para a propagação de informações.

Entretanto, como coloca Ribeiro (2007), mesmo nos anos 1950, a aplicação de técnicas como a pirâmide invertida e o lead não implicou na importação, na sua totalidade, do ideário jornalístico norte-americano. Segundo ela, mesmo nesse

período, os conceitos do jornalismo moderno ainda não apresentavam limites muito claros. O processo de sua incorporação foi marcadamente contraditório, implicando em avanços e recuos. Para a autora, as reformas dos anos 1950, de qualquer maneira, representam um marco na história da imprensa brasileira, que assinala a passagem do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo.

No Brasil da década de 1950, os debates vigentes na política e na sociedade ficam marcados pela ideologia nacional-desenvolvimentista e sua proposta de modernização do país. Nesse cenário, diversos fatores macroestruturais aparecem como convenientes para que a transformação na atividade jornalística brasileira venha a acontecer.

Na política, o período entre o fim do Estado Novo, em 1945, e o início do regime militar, em 1964, apresenta um ambiente democrático favorável para a prática da liberdade de imprensa. Isso ocorre porque, junto com o término do Estado Novo, acontece também a extinção do DIP, o que representa o fim da censura e do controle dos meios de comunicação.

Já no campo cultural, acontece um amplo e estimulante debate artístico em torno dos novos ideais propostos pela modernidade. Toda a atividade cultural ganha visibilidade através da repercussão nos jornais, colocando a imprensa como parte integrante importante dos movimentos artísticos.

No âmbito econômico, algumas questões são oportunas para a mudança da imprensa brasileira para um novo modelo mais industrial e empresarial. “O crescimento do mercado interno e da indústria brasileira permitiu o desenvolvimento da publicidade e, com o aumento da publicidade, todos os órgãos de comunicação, de forma geral, aumentavam seus faturamentos” (RIBEIRO, 2000, p. 51).

Assim sendo, para a imprensa brasileira não havia “nada mais condizente com o momento social da década de 1950, do que se transformar mais do que em porta-vozes da modernização em seu próprio emblema, produzindo um jornalismo em padrões completamente diversos do que fora feito até então [...]” (BARBOSA, 2006, p. 225).

Também a partir da década de 1950, os Estados Unidos começam a exercer uma grande influência sobre a sociedade brasileira como um todo. O modelo de estilo de vida estadunidense, altamente vinculado aos ideais de modernidade e progresso, deslumbra os brasileiros, que passam a admirar e se inspirar nos

costumes vindos da América do Norte. Dessa forma, a importação das técnicas norte-americanas no processo de modernização do jornalismo brasileiro faz parte de um contexto sócio-histórico mais abrangente.

A preponderância do modelo norte-americano no jornalismo brasileiro foi, num certo sentido, uma consequência da hegemonia que esse país foi lentamente construindo, no pós-guerra, em outras áreas da vida social, especialmente a econômica e a cultural. Mas foi resultado também da sua inegável superioridade editorial e da sua força em termos de mercado (RIBEIRO, 2000, p. 57).

Para os jornais brasileiros, deixar para trás o modelo de jornalismo francês e se alinhar com o estilo da imprensa estadunidense representava a incorporação do campo jornalístico brasileiro na modernidade e no processo de desenvolvimento e progresso que vigorava no país.

Contudo, a opinião sobre a influência exercida pelos Estados Unidos não era unanimidade. Por acontecer através da americanização das técnicas utilizadas, a modernização da imprensa brasileira era alvo de muitas críticas por parte da esquerda latino-americana, que, no momento político da década de 1950, se mantém ativa na luta contra o imperialismo cultural.

Além disso, a modernização do jornalismo brasileiro nos anos 1950 não adotou completamente o modelo de imprensa norte-americano, que se baseava na inserção dos jornais nos padrões da indústria cultural. Segundo Ribeiro (2000), as técnicas norte-americanas importadas pelo jornalismo brasileiro aqui foram utilizadas a serviço da política. Sendo assim, o antigo “[...] aspecto político jamais desapareceu totalmente, exercendo um papel fundamental - estrutural - na dinâmica das empresas jornalísticas” (RIBEIRO, 2000, p.40).

Outro fator que interfere no campo jornalístico brasileiro na metade do século XX é crise da escassez do papel de imprensa. O país, que sempre dependeu da importação para adquirir o produto, fica desprovido de seus habituais fornecedores, em razão de um bloqueio alemão durante a Segunda Guerra Mundial.

Para tentar solucionar a problemática, o então presidente, Getúlio Vargas, fornece subsídios para a construção de uma fábrica nacional de papel de imprensa. Mesmo com o novo empreendimento, a produção brasileira não é suficiente para fabricar a quantidade necessária. Com o aumento do consumo nacional e do preço do papel, o problema da escassez piora nos anos 1950 e a principal preocupação

dos jornais passa a ser ter que aumentar o preço de venda da unidade, o que prejudicaria a circulação.

Dentro desse contexto, “Os vertiginosos aumentos do papel que ocorreram ao longo desses anos contribuíram, de fato, para o fechamento de vários jornais, acentuando a crise da imprensa e o processo de concentração empresarial [...]” (RIBEIRO, 2000, p.204).

Por todos esses aspectos, o contexto sociopolítico vigente na década de 1950 aparece como aquele em que o jornalismo brasileiro pode executar sua transformação e modernização, passando de um jornalismo de cunho literário para um modelo de imprensa empresarial. Ao incorporar as técnicas utilizadas pelos jornais norte-americanos, os jornalistas brasileiros dão prioridade para a informação e para a objetividade, consolidando um afastamento do jornalismo literário e opinativo, majoritariamente presente até então.

Assim, as reformas dos jornais na década de 1950 devem ser lidas como momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco-fundador de um jornalismo que se faz moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica da objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor (BARBOSA, 2006, p. 223).

No Brasil daquele momento, onde se busca, na política e na sociedade, o desenvolvimento e o progresso do país, a transformação da imprensa nacional surge como forma de colocar o campo jornalístico oficialmente dentro dos novos padrões propostos pela modernidade, fundando um jornalismo que corresponde aos anseios trazidos pelos novos tempos.

III. ANÁLISE DOS JORNAIS DE 21 DE ABRIL DE 1960

Como símbolo de um Brasil moderno, Brasília, a nova capital brasileira, é inaugurada na data de 21 de abril de 1960, sintetizando a ideologia nacional desenvolvimentista aplicada pelo presidente Juscelino Kubitschek. “A cerimônia de inauguração tem, pois, como finalidade selar a união entre a nação brasileira e o fundador, em torno do projeto de construção do Brasil moderno. Não é mais a cidade que deve ser legitimada, mas os valores que ela simboliza [...]” (VIDAL, 2009, p.258).

Segundo Vidal (2009), com uma reunião de referências simbólicas, o ato de inauguração da nova capital brasileira se concentra na apresentação da cidade de Brasília como uma criação tipicamente brasileira, cujo valor se dirige não só ao Brasil, mas a toda a humanidade.

A programação de inauguração da nova capital conta com uma multidão de brasileiros vindos de todas as partes do país para assistir às celebrações do surgimento de um novo e moderno Brasil. Em destaque nas festividades estão os discursos de Juscelino Kubitschek e uma mensagem do Papa João XXIII abençoando o nascimento de Brasília.



Figura 15: Multidão de brasileiros assiste à inauguração de Brasília. Foto: Folhapress

A fotografia anterior ilustra o caráter multitudinário de parte da programação que inaugurou Brasília. Em oposição a ele, na noite de 21 de abril, enquanto, para a multidão, acontece uma festa popular na plataforma rodoviária, no Palácio do Planalto, o presidente JK e sua esposa, em destaque na figura 16, oferecem uma festa exclusiva para 3 mil convidados (CHEDIAK, 1960 apud VIDAL, 2009, p. 260). A dualidade representada na comparação entre as fotografias reforça mais uma das contradições presentes no governo Kubitschek.



Figura 16: Juscelino e Sarah Kubitschek na festa de gala da inauguração de Brasília. Foto: Memorial JK

Tomadas como documentos, as publicações de jornais impressos brasileiros do dia 21 de abril de 1960 recontam de que maneira a inauguração de Brasília apareceu na mídia impressa nacional e também o modo como o evento do nascimento da nova capital chegou, em formato de notícia, até os brasileiros da época. A partir dessa concepção, selecionamos quatro jornais brasileiros e suas edições do dia da inauguração de Brasília para então realizar uma análise, sob o ponto de vista do jornalismo, da forma como tal acontecimento foi noticiado na mídia

imprensa nacional. São os jornais escolhidos: Folha de S. Paulo, Diário de Pernambuco, Jornal do Brasil (RJ) e Jornal do Commercio (RJ).

A Folha de S. Paulo aparece no ano de 1960 como sucessora dos jornais da Empresa Folha da Manhã S.A., lançados na década de 1920. As Folhas surgem, inicialmente, como jornais voltados à classe média urbana de São Paulo, passam por um período de defesa do setor rural e na década de 1950 oferecem maior destaque aos setores urbanos e industriais. Os jornais da Empresa Folha enfatizam sua discordância do populismo e, dessa forma, declaram ser oposição ao governo Kubitschek.

Já o Diário de Pernambuco, fundado em novembro de 1825 e vendido para os Diários Associados em 1931, chega à metade do século XX dando amplo espaço para o material informativo. Uma característica importante do periódico é a busca por priorizar a cobertura regional, deixando em desvantagem o noticiário nacional. Quanto ao governo de Juscelino Kubitschek, o Diário de Pernambuco não faz oposição, oferecendo moderada atenção ao projeto desenvolvimentista do presidente.

Por sua vez, o Jornal do Brasil, fundado em 1891, no contexto pós proclamação da república, passa por administrações de diversos pontos de vista durante sua trajetória e entra na década de 1950 com o espaço aberto para uma reformulação. Em 1957, o periódico publica uma fotografia na capa. Já em 1959, a reestruturação faz os anúncios perderem espaço e o noticiário ocupar a maior parte da primeira página. Em seu percurso, o Jornal do Brasil busca se prevenir de comprometimentos políticos explícitos, mas durante o governo JK, assume, na maior parte das vezes, uma posição de crítica.

Por fim, o Jornal do Commercio, fundado em 1827 pelo tipógrafo francês Pierre Plancher, chega à metade do século XX encontrando dificuldades para se modernizar e fica atrasado quando comparado a seus concorrentes. Somente em 1957, sob a direção do político Francisco Clementino de San Tiago Dantas, é que o periódico consegue iniciar sua modernização. No ano de 1959, Assis Chateaubriand se torna o novo proprietário do Jornal do Commercio e o incorpora aos Diários Associados.

Em cada um dos quatro títulos selecionados, a instauração da nova capital brasileira é noticiada na capa da edição e também é trazida em matérias e notas ao

longo das páginas. De relevância nacional e internacional, o evento da inauguração de Brasília enquadra-se no conceito de acontecimento mediático, proposto por Dayan e Katz (1992 apud TRAQUINA, 2005, p. 99). Para os autores, os acontecimentos mediáticos são ocasiões carregadas de valor-notícia, o que torna obrigatório, por pressão da sociedade, o ato de assistir. São acontecimentos pré-planejados, anunciados e transmitidos ao vivo. Carregam um elemento de ritual e colocam em destaque um grupo ou uma personalidade heroica.

Vale a pena destacar que o período que antecedeu ao episódio em si já vinha sendo abordado pelos jornais, o que gerou uma expectativa sobre a inauguração. Como vimos no primeiro capítulo, praticamente desde o momento em que a Família Real veio para o Brasil, portanto, antes da independência, já se cogitava a possibilidade de realizar a mudança da capital, em busca de novas formas de desenvolver o território que se denominava de sertão.

Dessa forma, a ocasião da inauguração de Brasília por si só já contém um conjunto de valores-notícia que lhe confere alta noticiabilidade. “Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (TRAQUINA, 2005, p.63).

Dentro da temática da nova capital, os jornais selecionados abordam em seus textos diferentes pautas, que estão ligadas tanto com a história e o processo da construção de Brasília, quanto com as festividades do dia da inauguração. Cada uma das pautas noticiadas encontra no conjunto total e também nas suas particularidades o seu valor como notícia.

Como ilustrado nas figuras a seguir, os quatro jornais analisados trazem em suas capas e manchetes a inauguração da nova capital brasileira. A Folha de S. Paulo publica “Brasília converte-se em capital”. O Jornal do Brasil, além de citar a nova capital, traz também o novo estado que surge com ela, “Brasília é feita capital Guanabara nasce com festa”. Já o Jornal do Commercio destaca a importância internacional do acontecimento com “Participação mundial na festa de Brasília”. No Diário de Pernambuco, a manchete é “Papa iniciou pela madrugada, com sua bênção, inauguração de Brasília”.



Figura 17: Capa da edição de 21 de abril de 1960 da Folha de S. Paulo. Foto: Acervo Digital Folha de S. Paulo



Figura 18: Capa da edição de 21 de abril de 1960 do Jornal do Commercio (RJ). Foto: History Brasil/ Uol



Figura 19: Capa da edição de 21 de abril de 1960 do Jornal do Brasil (RJ). Foto: History Brasil/ Uol

Todos os quatro jornais selecionados contém em suas capas a mensagem do Papa João XXIII ao Brasil por motivo da inauguração de Brasília. No Diário de Pernambuco, além de ser manchete, o discurso do líder católico tem alguns trechos reproduzidos. Nas capas dos outros três jornais analisados, a mensagem papal, apesar de não ser manchete, tem sua transcrição feita na íntegra.

A fala do Papa João XXIII era parte protagonista do programa de festividades da inauguração da nova capital. Segundo Vidal (2009), a formação de um Brasil moderno, sintetizada e simbolizada na consolidação de Brasília, é um ato que “repousa na adoção de uma mentalidade nova. Essa mentalidade é respeitosa do passado e dos atos principais do caráter nacional brasileiro” (VIDAL, 2009, p.263), dentre eles, o valor de que o Brasil é uma nação católica.

A enorme multidão compungia-se, de joelhos no chão, assistindo, com lágrimas nos olhos, ao término de uma jornada heróica que significava o virar de uma página da História do Brasil. Saudando e abençoando Brasília e os brasileiros, assim falou o Papa João XXIII, diretamente do Vaticano, em português [...] (KUBITSCHKE, 2000, p.372).

A partir dessa concepção e seguindo os valores-notícia de seleção, listados por Traquina (2005), a mensagem do Papa João XXIII ao Brasil, em ocasião da

inauguração de Brasília é noticiada na capa de todos os jornais listados, por possuir os valores-notícia de notoriedade e proximidade. Considerando o Papa, chefe máximo da religião católica, o ator principal do acontecimento, a notícia adquire teor de notoriedade, uma vez que “[...] a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 79).

Por conter significado influente para os leitores brasileiros, o evento da instauração da nova capital, por si só, já possui o valor-notícia de proximidade, no sentido geográfico. Somando-se a esse evento o discurso do Papa, a notícia passa a adquirir também um valor de proximidade cultural, na medida em que a religião católica encontra milhões de fiéis no Brasil, traço que busca ser valorizado nas festividades em questão pelos líderes políticos e intelectuais participantes.

Uma outra interpretação sobre o fato da mensagem papal aparecer nas capas dos jornais diz respeito a uma possível legitimação moral do ato em si. Salientamos que naquele momento a religião predominante, pelo menos oficialmente, era a católica. Ao ver o reconhecimento papal sobre o ato, possíveis questionamentos, como o excessivo gasto e os problemas decorrentes do abandono de boa parte do operário que tornou realidade esse sonho, ficariam num segundo plano.

Outra pauta presente em todos os quatro jornais selecionados é a repercussão internacional da inauguração da nova capital brasileira. O Jornal do Commercio traz esse tópico como manchete da edição “Participação mundial na festa de Brasília”. A matéria contém homenagens a Brasília prestadas por outros países e também mensagens de líderes políticos estrangeiros felicitando o presidente Juscelino Kubitschek.

Por motivo da inauguração de Brasília, o Sr. Urbano Ciocetti, prefeito de Roma, enviou a seguinte mensagem ao prefeito da nova capital brasileira: ‘No momento em que o povo do Brasil celebra o nascimento da sua nova Capital, a cidade de Roma expressa os seus melhores votos a Brasília, cuja vida oficial começa na magna data que viu nasceu Roma, faz dois mil e setecentos e treze anos, nas sete colinas’ (JORNAL DO COMMERCIO, 1960).

Já o Diário de Pernambuco, em sua segunda página, publica “Todos os povos exaltam Brasília”. A matéria traz notícias sobre Brasília que apareceram na imprensa internacional, além de mensagens de líderes políticos estrangeiros enviadas ao Brasil pela ocasião. Da mesma forma faz o Jornal do Brasil, que publica, na página 10, “Presidentes, jornais e TV de todo o mundo louvam o nascimento de Brasília”.

Sobre a repercussão da nova capital no exterior, a Folha de S. Paulo fala a respeito do “Interesse por Brasília nos meios culturais dos EUA”, citando publicações acadêmicas internacionais sobre a nova capital brasileira.

‘É enorme o interesse pela nova capital do Brasil nos meios culturais dos EUA’, afirmou ontem à FOLHA DE S. PAULO o prof. J. V. Freitas Marcondes, da Escola de Sociologia e Política, da Universidade de São Paulo, que acaba de regressar daquele país, onde permaneceu seis meses como professor visitante da Universidade do Mississippi (FOLHA DE S. PAULO, 1960).

A forma como se deu a repercussão internacional da inauguração de Brasília faz parte dos desdobramentos da notícia principal - a própria instauração da capital. Dessa maneira, seguindo os valores-notícias de construção, listados por Traquina (2005), existe um teor de consonância na escolha de incluir esse tópico na cobertura do evento principal.

A lógica é a seguinte: quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada. Isso quer dizer que a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do receptor (TRAQUINA, 2005, p.93).

Além da consonância, as mensagens de prefeitos e presidentes enviadas a Juscelino Kubitschek, que estão presentes nas matérias sobre a repercussão internacional do evento, possuem novamente os valores-notícia de notoriedade, considerando a importância das personalidades envolvidas, e também de proximidade geográfica, ainda se tratando das festividades de inauguração do novo Distrito Federal brasileiro.

Considerando as circunstâncias sociopolíticas envolvidas, vale a pena salientar também que a construção da nova capital foi marcada pelo simbolismo do desenvolvimentismo baseado na modernidade do país. Nesse sentido, mostrar para o mundo que o Brasil caminhava na direção da modernidade implicava realizar um grande feito capaz de evidenciar até onde ia o potencial do país em inovar e se alinhar com as nações mais desenvolvidas. Os jornais acabaram corroborando tal posicionamento ao publicarem em suas páginas o reconhecimento da repercussão internacional do fato.

Com exceção da Folha de S. Paulo, todos os outros três jornais analisados publicam textos, noticiosos e opinativos, sobre o fato do Rio de Janeiro deixar de ser a capital do país e, junto a isso, sobre a inauguração do novo estado da Guanabara. Tanto o Jornal do Commercio, quanto o Jornal do Brasil, ambas publicações

cariocas, têm em suas edições um grande número de textos sobre a nova situação da cidade que perde o título de capital federal. Esse ponto de vista do acontecimento, ao ser publicado em jornais do Rio de Janeiro, reforça o valor-notícia de proximidade geográfica.

O Jornal do Brasil tem em sua manchete “Brasília é feita capital Guanabara nasce com festa”. A matéria de capa intercala as informações sobre a programação de inauguração da nova capital com aquelas a respeito dos festejos cariocas em homenagem ao novo estado da Guanabara. Ao lado do texto, tem destaque uma foto do Presidente Juscelino Kubitschek acenando ao público que acompanha do Palácio do Planalto o nascimento de Brasília.

Na terceira página, o Jornal do Brasil publica três artigos de opinião, que dissertam sobre a ocasião histórica na qual o Rio de Janeiro deixa de exercer a função de capital federal. No texto “Bons ventos os levam”, o escritor Tristão de Athayde comenta: “Para nós, cariocas da gema, a mudança do Distrito Federal para o sertão não tem a menor importância. Não somos filhos do Distrito mas do Rio de Janeiro. Direi mais, - do Rio Carioca” (ATHAYDE, 1960).

Na sétima página do jornal, aparecem duas matérias noticiosas acerca da programação que envolve a antiga capital. São elas: “O Estado da Guanabara despertou com o samba” e “Primeiro dia do Estado da Guanabara começou com missa, carnaval e alvorada”.

Além os textos citados, a edição do Jornal do Brasil do dia 21 de abril de 1960 contém ainda um suplemento de 35 páginas, publicado em ocasião da inauguração da nova capital do país e intitulado Suplemento Brasília-Rio. Ao longo dessas páginas, são encontradas pautas sobre o processo de transferência da capital federal, incluindo tanto assuntos a respeito da construção e inauguração de Brasília, como também matérias sobre a trajetória do Rio de Janeiro no seu tempo como capital brasileira.

Por sua vez, o Jornal do Commercio publica, na página 6, na seção Gazetilha Literária, o texto “Rio, a capital da arte e da cultura”. A opinião, escrita por Santos Moraes, garante que, apesar de não ser mais a capital federal brasileira, a cidade do Rio de Janeiro continuará sendo o centro artístico e intelectual do país. O periódico traz também notícias informativas sobre os festejos que comemoram o novo estado

da Guanabara, como “Guanabara nasce sob aclamações do povo” e “Presidente deu ‘viva’ ao estado da Guanabara”.

Entoando a marcha ‘Cidade Maravilhosa’ o carioca iniciou ontem à noite os festejos comemorativos da criação do Estado da Guanabara, com a mudança da capital federal para Brasília, tendo aos primeiros minutos do dia o Governador Provisório recebido o cargo do comando da nova unidade da Federação das mãos do seu ex-Prefeito (JORNAL DO COMMERCIO, 1960).

Apesar de distante geograficamente, o novo estado da Guanabara também é notícia no Diário de Pernambuco. O jornal traz em sua capa o texto “Rio: último dia, ontem, como capital”, fornecido pela Meridional Agência de Notícias, que conta qual a programação carioca para a transferência do Distrito Federal.

Com o bater dos sinos, o soar das sirenes, escolas de samba exibindo-se nas ruas, executando o ritmo alucinante do samba, o povo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro festejou, hoje a noite, a passagem para o Estado da Guanabara (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1960).

Ainda no Diário de Pernambuco, encontra-se, na página 4, o texto opinativo “Gloriosa etapa na vida do Rio de Janeiro”, escrito pelo jornalista Austregésilo de Athayde. Na opinião, o autor exalta as qualidades do Rio de Janeiro, pedindo confiança no futuro da cidade, ao mesmo tempo em que deseja sucesso à recém-inaugurada Brasília.

Por ser a cidade que perde o título de capital e, ao mesmo tempo, inaugura um novo estado da federação, o Rio de Janeiro também é parte essencial da narrativa noticiosa proposta no dia da transferência da capital federal. Dessa forma, as matérias e opiniões relativas à cidade carioca são publicadas nos jornais de acordo com seu teor de consonância.

Outra pauta presente em todos os jornais analisados, com exceção do Diário de Pernambuco, são os candangos, migrantes vindos de diversas regiões do país para trabalhar na construção de Brasília. No Jornal do Commercio, o discurso proferido, na véspera, pelo Presidente Juscelino Kubitschek em agradecimento a esses trabalhadores é publicado na página 5. No Jornal do Brasil, o mesmo discurso de JK tem trechos reproduzidos na matéria de capa e no texto “Presidente agradece a operários a construção de Brasília”, na página 4.

“Fostes, candangos - declarou o Presidente em outros passos do seu discurso - com o vosso trabalho, os operários do milagre. Quantas vezes, em horas mortas, vos acompanhei nas vigílias noturnas, quando, para

espantar o sono, se rompia o vosso hábito de silêncio e por êstes ermos ecoava o canto que vos mantinha despertos e alertas.” (JORNAL DO BRASIL, 1960).

Além do agradecimento de JK aos trabalhadores, o Jornal do Brasil também publica o texto “Favelas em Brasília”, que conta acerca da complexa situação habitacional dos candangos nos arredores da nova capital. O assunto das cidades improvisadas onde moram os operários é abordado novamente na reportagem “60 mil favelados de Brasília esperam a sorte que não vem”, encontrada na página 4 do suplemento Brasília-Rio.

É imperdoável, por isto mesmo, que não se tenha pensado, já a esta altura, em encarar humanamente o problema das favelas em Brasília, na sua maior parte remanescentes de habitações de humildes construtores da nova Capital. [...] A solução é a integração dessas comunidades na vida normal da Cidade de Brasília, e justo que assim seja, a fim de não se julgar como marginais aqueles que, desde o início, viveram e sofreram na nova capital (JORNAL DO BRASIL, 1960).

O caderno Ilustrada, do jornal Folha de S. Paulo, também coloca em pauta a questão habitacional dos candangos. Através da matéria “Ninguém acredita no desaparecimento da Cidade Livre”, o jornal fala sobre o Núcleo Bandeirante, cidade candanga que planejava ser demolida após a inauguração de Brasília, para que os operários recebessem residências dignas, e deixassem para trás as condições a que foram submetidos durante os anos de construção da capital. “Em palestra com a reportagem da FOLHA DE S. PAULO, comerciantes da Cidade Livre revelaram os motivos por que não crêem na destruição: interesses políticos e econômicos” (FOLHA DE S. PAULO, 1960).

Os textos do Jornal do Brasil e da Folha de S. Paulo a respeito da situação dos candangos narram, mesmo que de maneira sucinta, um conflito social existente entre o plano urbanístico da cidade de Brasília e a necessidade de moradia digna por parte dos trabalhadores, conflito que reflete a contradição entre a proposta de modernidade inerente à nova capital e a condição candanga durante sua construção. De acordo com Traquina (2005), o conflito ou a controvérsia são considerados valores-notícias de seleção e são marcados pelo uso da violência física ou simbólica. Dessa forma, a falta de moradia digna e boas condições de vida para os candangos é tomada como uma violência, e se enquadra, nas matérias publicadas, dentro do valor-notícia de conflito.

Em oposição às condições de vida insalubres encontradas nas cidades candangas, a arquitetura e o urbanismo modernos do Plano Piloto de Brasília também são pauta na Folha de S. Paulo e no Jornal do Brasil. Os dois jornais reproduzem a mensagem de Sir William Holdford, membro do júri que escolheu o Plano Piloto, em ocasião da inauguração da cidade.

Sir William Holdford, professor de urbanismo do Colégio Universitário e consultor da City de Londres, e um dos membros do júri que escolheu o Plano Piloto de Brasília, manifestou profundo interesse pelo projeto desde o seu início. Falando à imprensa, Sir William leu a seguinte mensagem: [...] “O Brasil possui hoje um lugar especial na moderna História da Arquitetura. Abriu aos seus arquitetos esta grande oportunidade de projetar e construir em escala realmente metropolitana.” (JORNAL DO BRASIL, 1960).

Trazendo imagens e fotografias que enfatizam a modernidade presente na arquitetura e no urbanismo de Brasília, o caderno Ilustrada, da Folha de S. Paulo, publica, em sua capa, a matéria “Brasília, do papel ao concreto”, que comemora a instauração da nova capital no tempo programado pelo presidente. O destaque às imagens aparece novamente na última página do caderno, com a matéria “Brasil, capital Brasília”. Ambos os textos enfatizam como a moderna cidade de Brasília, criação conjunta de JK, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, surgiu tão rápido em um lugar onde antes só havia cerrado e caracterizam o trabalho dos operários candangos como árduo e fundamental em todo o processo.



Figura 20: Capa do caderno Ilustrada da Folha de S. Paulo, 21 de abril de 1960. Foto: Acervo Digital Folha de S. Paulo



Figura 21: Página 12 do caderno Ilustrada da Folha de S. Paulo, 21 de abril de 1960. Foto: Acervo Digital Folha de S. Paulo

Lucio Costa, Oscar Niemeyer, os candangos e o Presidente JK, são personagens fundamentais na narrativa contada sobre a construção da nova capital brasileira, e, portanto, são ressaltados nas notícias trazidas pela imprensa na data da inauguração de Brasília. Do mesmo modo, a arquitetura e o urbanismo da nova capital são essenciais para fazer de Brasília o símbolo de um país moderno, conquistado pelo Presidente e, assim, também encontram espaço nos jornais. Como ilustrado pelas figuras anteriores, o destaque dado às fotografias nas matérias citadas enfatiza as características mais modernas da cidade inaugurada, ajudando a colocar Brasília como uma síntese do progresso brasileiro.

Ao caracterizarem o conceito de acontecimento mediático, Dayan e Katz (1992 apud TRAQUINA, 2005, p. 100) apontam o destaque dado a um grupo ou personalidade heroica como um atributo deste tipo de ocasião. Sobre esse tópico, a narrativa de transferência da capital federal para Brasília tem na imprensa, assim como na historiografia, um protagonista nítido: o Presidente Juscelino Kubitschek.

Essa simbiose se traduz pela impossibilidade de se estudar o governo JK sem falar de sua meta-síntese, Brasília, e vice-versa. A exacerbação da figura de Kubitschek como o político audaz – que teria realizado o sonho brasileiro de interiorizar sua capital – aparece com frequência nas falas sobre a história da cidade e confere a ele um papel de excelência na história brasileira: aquele que teria inaugurado um novo tempo, um novo ciclo na história do Brasil (CEBALLOS, 2005, p. 12).

Dessa maneira, são encontrados em todos os jornais analisados diversos textos noticiosos e opinativos que discorrem a respeito da vida do presidente, sempre dando ênfase à posição protagonista de Kubitschek durante todo o processo de construção e inauguração da nova capital. JK também aparece em destaque nas fotografias que ilustram as capas de todos os jornais selecionados, com exceção da Folha de S. Paulo.

No Jornal do Brasil, a imagem de capa é uma foto de Juscelino no Palácio do Planalto, acenando ao público que assiste de perto à inauguração de Brasília. Já na capa do Diário de Pernambuco, uma das fotografias publicadas mostra Kubitschek e o vice-presidente, João Goulart, embarcando no avião que os levará até o novo Distrito Federal.

O Jornal do Commercio publica, em sua capa, uma foto de JK deixando o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, ao lado de sua família e de auxiliares do Governo. A imagem acompanha o título “Uma cena da história” e uma legenda, que narra o embarque do casal presidencial rumo à nova capital, na véspera da inauguração da cidade. A mesma fotografia é publicada na página 4 do Jornal do Brasil, com o título “Últimos Degraus”. No periódico, a imagem acompanha a matéria “Presidente e sua esposa choram ao deixar o Catete homenageados por crianças”. O texto conta os últimos compromissos de Juscelino e sua esposa, Sarah Kubitschek, no Rio de Janeiro, antes de embarcarem para Brasília.

Além do embarque no Rio de Janeiro, a chegada da família presidencial em Brasília também é pautada, como acontece na notícia “Dona Júlia Kubitschek foi ver a capital que seu filho construiu”, publicada na capa do Diário de Pernambuco.

“Vim assistir a inauguração da cidade que meu filho construiu”, disse d. Júlia Kubitschek, mãe do presidente da República, ao descer hoje do “Viscount” presidencial, no aeroporto de Brasília.

D. Júlia recusou-se a falar mais alguma coisa, afirmando que muito já se falara sobre a nova capital (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1960).

Na Folha de S. Paulo, o trabalho do presidente da República na construção de Brasília é celebrado na matéria “Aplausos a Brasília e JK na Assembleia”. A notícia reproduz alguns discursos proferidos por deputados na sessão da Assembleia Legislativa do dia anterior parabenizando Kubitschek pela inauguração da nova capital. No mesmo jornal, é publicada a opinião “Brasília e JK”, assinada pelo jornalista Mário Mazzei Guimarães. No texto, o autor exalta a conduta de

Kubitschek de realizar a transferência do Distrito Federal para o interior do país, ressaltando a importância de ocupar o território brasileiro por completo e de inaugurar uma cidade planejada dentro dos moldes da modernidade.

Revelando-se um determinado, do mais puro aço de Minas, esse presidente da República, Juscelino Kubitschek, alvo de tantas dúvidas, ataques e zombarias, mobilizou os crentes, abalou os descrentes, inquietou os indiferentes, encorajou os prudentes, envolveu os negociistas, desempenhou a nossa inércia administrativa, magnetizou a oposição e permitiu ao país realizar em 5 anos um sonho de quase 2 séculos [...] (GUIMARÃES, 1960).

As circunstâncias políticas e históricas que envolvem a inauguração de Brasília têm forte influência no grande destaque dado a Juscelino Kubitschek na cobertura noticiosa deste acontecimento. Na justificativa do processo de fundação da nova capital, o presidente é colocado como aquele que fornece “o espírito bandeirante e independente, a busca da integridade territorial e da unidade nacional, a busca do progresso material e moral...” (VIDAL, 2009, p. 276) e é desta mesma forma que Kubitschek aparece na imprensa.

Para além da narrativa de construção de Brasília, o valor-notícia de notoriedade, enquanto critério de noticiabilidade, é sempre inerente ao cargo de presidência da República. “Dito de uma forma muito simples, o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade. O que o Presidente da República faz é importante porque o Presidente da República é importante” (TRAQUINA, 2005, p. 80). Assim sendo, a notoriedade, como critério jornalístico, também exerce influência nas aparições de Juscelino nos jornais.

A programação da festa de inauguração da nova capital e seus desdobramentos, como hotéis e aeroportos lotados, também são tópicos pautados em todos os jornais analisados. O intenso fluxo de passageiros desembarcando no aeroporto de Brasília é notícia em três dos jornais selecionados. O Jornal do Brasil publica, na página 7, “Passageiros para Brasília bateram ontem todos os recordes no Santos Dumont”, enquanto a Folha de S. Paulo, coloca, no caderno Ilustrada, a notícia “300 aviões no aeroporto de Brasília”.

As últimas horas da tarde quando começou a funcionar efetivamente a ponte aérea Rio- São Paulo- Brasília, os funcionários da DAC, da torre de controle, das companhias aéreas e praças da FAB encarregadas do policiamento no local precisaram desdobrar-se, para dirigir o tráfego de aeronaves e a multidão de passageiros que desembarcava (FOLHA DE S. PAULO, 1960).

O Jornal do Commercio, por sua vez, com o texto “Sessenta voos por semana a Brasília”, fala sobre a nova grade de voos que passa a ser necessária a partir da data de inauguração da capital. No primeiro parágrafo da notícia, reproduzido a seguir, é possível observar a presença do lead, técnica redacional estadunidense importada pela imprensa brasileira durante seu processo de modernização.

A mudança da Capital da República para Brasília está obrigando as diretorias de diversas empresas aéreas brasileiras a reestudar suas operações na nova Capital. Acredita-se mesmo que dentro de 30 dias os vôos semanais para Brasília, que atualmente são em número de 30 aproximadamente, elevar-se-ão a 60 (JORNAL DO COMMERCIO, 1960).

Assim como o movimento nos aeroportos, também é noticiada nos jornais selecionados a superlotação nos hotéis. O Jornal do Brasil publica, na página 3, a matéria “Construção e planejamento”, que fala a respeito dos problemas de hospedagem na ocasião da inauguração da nova capital. Do mesmo modo faz o Diário de Pernambuco com a notícia “Quem gostar de dormir em barraca pode ir hoje para Brasília: hotéis lotados”, encontrada na página 11.

Eles viajam de avião e por terra; e ninguém mais consegue acomodações nos hotéis. Já a cidade apresenta uma fisionomia pitoresca, com barracas armadas em acampamentos que se localizam ao lado dos belos e monumentais edifícios da nova Capital (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1960).

A programação das festas de inauguração da nova capital é encontrada com detalhes no Jornal do Brasil, na matéria “Presidente inaugura oficialmente Brasília hoje às 8h5m”, e também no Diário de Pernambuco, com “O programa das festividades da nova capital”.

Nas notícias publicadas sobre as festividades de inauguração de Brasília e sobre seus desdobramentos pode ser encontrado um teor de atualidade, que se encaixa no valor-notícia tempo, proposto por Traquina (2005). “A existência de um acontecimento na atualidade já transformada em notícia pode servir de “news peg”, ou gancho (literalmente, ‘cabide’ para pendurar a notícia) para outro acontecimento ligado a esse assunto” (TRAQUINA, 2005, p. 81). Considerando o contexto de instauração da nova capital, a atualidade se relaciona também com outra característica do acontecimento mediático, proposto por Dayan e Katz (1992 apud TRAQUINA, 2005, p. 99), a transmissão ao vivo das notícias sobre a ocasião.

Textos que retomam historicamente a ideia de transferência da capital federal para o interior do Brasil são publicados em dois dos jornais analisados. Na página 4

do Jornal do Commercio, encontra-se “A mudança da capital para o interior do país”, um retrospecto histórico escrito pelo jornalista Hélio Vianna, que narra desde a transferência da capital brasileira de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, até o projeto do governo Kubitschek que inaugura Brasília.

No caderno Ilustrada, da Folha de S. Paulo, o texto “Varnhagem, o grande esquecido da história de Brasília” também constrói um retrospecto da ideia mudancista e tem enfoque na contribuição de Francisco Adolfo de Varnhagem, Visconde de Porto Seguro, durante os anos do Brasil Império, para os estudos sobre a localização do novo Distrito Federal.

Nos dois textos tem destaque o valor-notícia de consonância, uma vez que um retrospecto histórico insere o acontecimento da inauguração de Brasília em uma narrativa já pré-estabelecida na história brasileira, a de transferir a capital para o interior do país, que já havia tido espaço na imprensa nacional durante o correr dos anos.

Também na Folha de S. Paulo, é publicado o texto “Brasília e o Brasil”, que, além de conter uma retomada histórica, expõe o posicionamento do jornal diante da mudança realizada.

A FOLHA DE S. PAULO, que várias vezes tem divergido do atual governo da República, não lhe pode negar o mais entusiástico aplauso na hora em que torna efetiva essa velha aspiração da nacionalidade. Este jornal sempre se bateu pela mudança da capital, mesmo antes que a idéia ressurgisse por iniciativa do atual chefe da nação. [...] não temos duvida em afirmar que, com o acontecimento histórico de hoje, se inicia para o nosso país nova e decisiva etapa de sua vida de povo livre (FOLHA DE S. PAULO, 1960).

O texto traz um nítido posicionamento político do jornal diante não só da inauguração de Brasília, mas do governo Kubitschek como um todo. Em uma época marcada para a imprensa brasileira como o momento que representa a passagem de um jornalismo político-literário para um jornalismo informativo e objetivo, a presença de um posicionamento político claro do jornal Folha de S. Paulo como instituição se destaca entre os demais textos.

Na data da inauguração de Brasília, a imprensa nacional vive um momento no qual os ideais de um jornalismo moderno já estão mais presentes e consolidados, e, assim, a maior parte dos textos busca seguir uma linha informativa, incorporando as técnicas norte-americanas do lead e da pirâmide invertida. Entretanto, ainda é

possível encontrar nos jornais um grande número de artigos de opinião assinados por jornalistas e personalidades da época.

Assim como acontece em outros artigos encontrados nos jornais analisados e já citados ao longo do capítulo, na opinião “Fé + Amor + Esperança = Brasília”, escrita por José Tavares de Miranda e publicada na Folha de S. Paulo, a inauguração da nova capital é exaltada e tida como promissora para o futuro do país. “E eis que vivemos hoje o primeiro dia da cidade de Brasília, eis que mergulhamos no futuro. Porque o destino deste povo é avançar” (MIRANDA, 1960).

Já no Jornal de Brasil, o jornalista Carlos Lemos publica a opinião “Brasília coberta de poeira e desorganizada torna-se triunfalmente a Capital”. Procurando um meio termo, o autor elenca tanto as qualidades quanto os defeitos que podem ser observados na data de inauguração da nova cidade.

Os que saem do Rio com a desconfiança de que Brasília ainda não tem condições para ser Capital, ganham a certeza disso tão logo chegam à Cidade. Essa certeza, porém, não prejudica o entusiasmo que a todos contagia, diante do trabalho feito e grandiosidade da Cidade, realmente linda e moderna como nenhuma outra em todo o Mundo (LE MOS, 1960).

Por ser diferente da maior parte das opiniões encontradas nos jornais, o artigo “Brasília” do jornalista Anibal Fernandes, publicado no Diário de Pernambuco, se destaca, deixando claro um firme posicionamento contra a mudança da capital.

Não creio que, num país como o Brasil, cheio de tantos problemas, a construção de uma capital fosse de natureza preferencial. Há outros assuntos muito mais urgentes. Em todo caso, diante do fato consumado, nada há a fazer senão registrar o acontecimento histórico: a partir de hoje, tem o Brasil uma nova capital (FERNANDES, 1960).

Tanto nos textos opinativos, quanto nos de caráter noticioso, a inauguração de Brasília aparece nos jornais analisados como um grande marco histórico para o Brasil. As críticas não encontram muito espaço. Com poucas exceções, a nova capital é sempre citada junto à simbologia da modernidade, que coloca a data de 21 de abril de 1960 como o início de um futuro promissor para o país e o presidente Juscelino Kubitschek como principal responsável por atender a esse antigo e importante anseio do povo brasileiro. Dessa forma, para além dos valores jornalísticos que avaliam a noticiabilidade dos textos publicados, nota-se que as circunstâncias sociopolíticas que cercam o período em questão também são bastante influentes no dia noticioso encontrado nos jornais estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presidente Juscelino Kubitschek fez da construção de Brasília uma estratégia política de seu governo, buscando, através da inauguração da nova capital, simbolizar o progresso do Brasil em direção à modernidade, proposto desde de seu slogan “50 anos em 5”. O presidente compreendia a forma como deveria apresentar a nova cidade aos brasileiros e, assim, a inauguração de Brasília coloca a cidade, mais do que nunca, como um símbolo da modernidade do país, que influencia tanto a vida nacional, quanto a imagem do Brasil diante do mundo.

A inauguração da nova capital aparece nos jornais escolhidos para análise como um grande marco histórico para o país, de modo que os diversos tópicos envolvidos no acontecimento possuem grande espaço nas páginas dos periódicos. Cada uma das matérias publicadas sobre o assunto encontra no conjunto total da narrativa da construção de Brasília e também nas suas particularidades o seu valor como notícia, sendo os valores-notícia mais observados a proximidade geográfica, a consonância e a notoriedade.

Quando usado para reforçar a posição protagonista de Juscelino Kubitschek diante do processo de edificação do novo Distrito Federal, o valor-notícia de notoriedade se mistura às circunstâncias políticas que rodeiam o momento em questão, colocando o presidente como dotado de um espírito audacioso, responsável pela efetivação de Brasília e por encaixar o Brasil dentro dos novos padrões da modernidade. Apesar da forma como JK aparece na imprensa nacional, uma exploração histórica, realizada no primeiro capítulo, indica o governo Kubitschek como um período de contradições em diversos aspectos, inclusive na construção de Brasília.

Nos jornais analisados, as críticas à nova capital são encontradas em poucos momentos, normalmente nos artigos de opinião, que se mostram questionadores da necessidade de tamanho empreendimento para o progresso do país. Nos jornais cariocas, o Jornal do Commercio e o Jornal do Brasil, encontra-se grande parte desses questionamentos, feitos de forma sutil e parcial, porém coerente, ao longo dos textos opinativos que dissertam sobre o fim da trajetória do Rio de Janeiro como capital do Brasil. Observa-se, nesse contexto, um destaque do valor-notícia de proximidade geográfica, que ganha espaço por conta do receio carioca em perder o título de capital federal.

Outro momento em que críticas são colocadas aparece quando dois dos periódicos, o Jornal do Brasil e a Folha de S. Paulo, abordam as questões habitacionais relacionadas aos candangos. Ainda que as condições de vida as quais os operários foram submetidos durante os anos de construção da capital tenham sido questionadas nos textos, sabe-se que o regime de trabalho imposto e a conjuntura precária que rodeava os candangos tiveram graves consequências, entre acidentes e mortes, que não foram noticiadas pela imprensa da época.

Nos jornais estudados, a narrativa contada é aquela que coloca Brasília como símbolo da modernidade e do progresso do país, e a situação candanga durante e após a construção da capital revelava exatamente o oposto, a manutenção de um modelo desigual, há muito tempo já presente na sociedade brasileira.

Quanto às técnicas jornalísticas, a forma como os jornais escolhidos noticiam a inauguração de Brasília encontra-se relacionada com os valores-notícias e também com o momento que vive a imprensa brasileira no início da década de 1960. Durante o segundo capítulo, com o auxílio das imagens, é possível visualizar as transformações pelas quais passa a imprensa nacional no início do século XX, que visa a modernização nas técnicas redacionais e também no design. A partir disso, observa-se que os jornais escolhidos para análise já seguem modelos modernos, tanto na diagramação mais ordenada, quanto em uma linha editorial que busca ser mais informativa, apesar, ainda, da presença de muitos textos opinativos.

A inauguração de Brasília aparece como um importante evento da história nacional e, de maneira pessoal, em minha formação enquanto jornalista observar como foi feita a cobertura desse acontecimento pela mídia impressa brasileira permitiu visualizar como as técnicas puramente jornalísticas podem se misturar ao contexto sociopolítico, nesse caso caracterizando uma cobertura bastante particular daquele momento e semelhante entre os jornais escolhidos.

Por fim, por um olhar que relaciona o jornalismo com as circunstâncias sócio-históricas, a escolha de noticiar o acontecimento em questão como o marco que coloca o Brasil dentro dos padrões da modernidade aparece como uma escolha política, que acaba por silenciar outras perspectivas do acontecimento, que vêm a aparecer somente décadas depois, através de estudos e investigações.

Bibliografia

ALVES, Lara Moreira. **A construção de Brasília: contradições entre utopia e realidade.** In: V Seminário de Pesquisa da FAV, 2004, Goiânia. Cultura Visual: exercícios do olhar, 2004. p. 9-76.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa. Brasil - 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007

BARBOSA, Marialva. **Imprensa e poder no Brasil pós-1930.** Em Questão 12 (2), 2006, p. 215-234 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

BARBOSA, Marialva. **Meios de Comunicação e História: um universo de possíveis.** In: RIBEIRO, A. P. G. e FERREIRA, L. M. A. (Orgs). **Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b. p.15-34.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. **"E a história se fez cidade... ": a construção histórica e historiográfica de Brasília.** 2005. 167p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. **Memórias, tramas e espaços = a história de Brasília construída pela fala dos moradores de Sobradinho - DF.** 2014. 127 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humana, Campinas, SP.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 21 abr. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=inaugura%c3%a7%c3%a3o%20de%20brasilia&pagfis=2277> Acesso em: 17 maio 2021.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 21 abr. 1960. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=94&anchor=4481753&origem=busca&origURL=&pd=b2cdab6f37470fc1e14e26697a0ec3ee>> Acesso em: 17 maio 2021.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 21 abr. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=inaugura%c3%a7%c3%a3o%20de%20bras%c3%adlia&pagfis=3982> Acesso em: 17 maio 2021.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 21 abr. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_15&Pesq=inaugura%c3%a7%c3%a3o%20de%20brasilia&pagfis=2319> Acesso em: 17 maio 2021.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** Brasil, Ateliê Editorial, 1999.

KUBITSCHKEK, Juscelino, 1902-1976. **Por que construí Brasília / Juscelino Kubitschek.** — Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

LOPES, D. JACQUES, P. B. **A Construção de Brasília: alguns silenciamentos e um afogamento.** In: *Suspended Spaces: a partilha dos esquecimentos*, vol. 4. Lisboa: Sistema Solar, 2018. p. 52-77.

PÁDUA, Aline Ferreira . **O jornalismo do 'A Notícia' na década de 1950: análise das transformações técnicas e editoriais do periodismo do interior paulista.** Revista Eletrônica CoMtempo, v. 6, p. 1-14, 2014

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. 2000. **"História e imprensa no Rio de Janeiro dos anos 50"**. Rio de Janeiro, UFRJ, ECO (tese de doutorado).

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950.** Rio de Janeiro: e-papers, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950.** *Estudos históricos*, n. 31, 2003.

SILVA, Aparecida Macena da. **A coluna "Reflexões" de Hipólito da Costa no Correio Brasiliense (1808-1822): uma voz pela liberdade de imprensa, união do Brasil com Portugal e contra governos despóticos.** 2010. 436 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil.** RJ: Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional.** / Nelson Traquina -Florianópolis: Insular, 2005.

VIDAL, Laurent. **De nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital.** 1ª edição. Brasília. Editora UnB, 2009.

VIDESOTT, Luisa. **Os Candangos.** São Paulo: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo EESC-USP, 2008.

VIZEU, Rodrigo. **Os presidentes: a história dos que mandaram e desmandaram no Brasil, de Deodoro a Bolsonaro.** 1ª edição. Rio de Janeiro. HarperCollins, 2019.